

## O letramento crítico na literatura infantojuvenil no viés do paradigma educacional emergente: o reducionismo na adaptação de *Dom Casmurro* da editora Todolivre em contraste com a obra *Machado e Juca* de Luiz Aguiar<sup>1</sup>

Géssica Gonçalves Santos Gracioli<sup>2</sup>

Maria José de Pinho<sup>3</sup>

Andrea Martins Lameirão Mateus<sup>4</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise crítica de como o reducionismo pode estar presente em alguns livros de literatura infantil e juvenil. Dessa maneira, analisa-se a adaptação de *Dom Casmurro* da editora Todolivre e *Machado e Juca* de Luiz Aguiar, com a finalidade de contrastar as obras pela sua criticidade e, também, observar se há um reducionismo na adaptação, explorando como a simplificação excessiva de temas, personagens e enredos pode impactar a experiência da compreensão leitora de crianças e jovens. Para tal, recorreremos a autores da literatura infantil e juvenil em consonância com a teoria da adaptação no viés do paradigma educacional emergente (Hutcheon, 2011; Lajolo; Zilberman, 2017; Moraes, 1997; Ramos, 2005) e a autores do letramento crítico (Alencar, 2017; Silva, 2022). Para isso, esta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, visto que é possível compreender e interpretar os fatos e dados que emergem no decorrer da pesquisa. Os resultados evidenciaram que o debate sobre o letramento crítico na literatura infantil e juvenil no viés do paradigma educacional emergente é interessante e contribui para reflexão do reducionismo literário em obras adaptadas. Assim, tem-se a necessidade de transgredir as limitações do reducionismo em obras adaptadas.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil e Juvenil; Paradigma Educacional Emergente; Letramento Crítico.

### Introdução

A complexidade nas relações entre a sociedade e o ser humano nos leva a situações dinâmicas e imprevisíveis, ao passo que faz com que as escolhas sejam realizadas através de conhecimentos, muitas vezes, limitantes e redundantes. Encontramos exemplos disso nas

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutoranda na Universidade Federal do Norte do Tocantins. Mestra em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Graduada em Letras (Português/Espanhol) pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0003-5028-2894>. E-mail: [gguessica.ufba@gmail.com](mailto:gguessica.ufba@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora Titular na Universidade Federal do Norte do Tocantins. Doutora em Educação e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com pós-doutoramento em Educação pela Universidade do Algarve. Mestra em em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduada em Pedagogia e História pela Universidade Federal do Tocantins. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2411-6580>. E-mail: [mjggon@mail.uft.edu.br](mailto:mjggon@mail.uft.edu.br).

<sup>4</sup> Professora na Universidade Federal do Tocantins. Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo. Graduada em Letras (Inglês/Português) pela Universidade de São Paulo). Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-9376-8451>. E-mail: [andrea.mateus@uftn.edu.br](mailto:andrea.mateus@uftn.edu.br).

releituras e adaptações que se realizam nos livros para crianças e adolescentes, limitando os saberes, com ilustrações de baixa qualidade, meramente subordinadas ao texto narrativo e esteticamente disformes e apressadas. Ao mesmo tempo, descobrimos alternativas que se apresentam como escolhas felizes e adequadas para o referido público, dentre as muitas publicações oferecidas pelo mercado editorial brasileiro. Focaremos, no presente estudo, na questão da adaptação de um texto clássico e na criação de uma obra original, ambas com a mesma fonte de inspiração: Machado de Assis. Para tanto, escolhemos a adaptação do clássico brasileiro *Dom Casmurro*, da editora Todolivro, e a obra *Machado e Juca* de Luiz Antônio Aguiar, com indicação etária entre 12 anos, para realizar uma contraposição e reflexões do reducionismo literário, na perspectiva do paradigma educacional emergente.

Destarte, este artigo emerge de inquietações e discussões na disciplina de “Fundamentos da Literatura Infantil e Juvenil” do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino da Língua e Literatura na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) em congruência com a área da Linguística Aplicada. O componente curricular de fundamentos da literatura infantil e juvenil possui como um dos seus objetivos apresentar a importância da literatura no processo de ensino/aprendizagem deste público, refletindo sobre propostas que potencializam o desenvolvimento aluno em suas práticas de leitura. A área da Linguística Aplicada relacionada a literatura infantil e juvenil fomenta o olhar sensível do pesquisador, possibilitando a percepção crítica de caminhos e ações situados que emergem neste estudo, podendo conscientizar sobre práticas de escrita e leitura reducionistas, que sintetizam obras clássicas. Segundo Orlandi (1996), “Isso [caráter técnico da leitura] conduz ao tratamento da leitura apenas em termos de estratégias pedagógicas exageradamente imediatistas” (Orlandi, 1996, p. 35), podendo limitar o aluno e seu desenvolvimento leitor. Por isso, nesta investigação, busca-se compreender como ocorre a simplificação de saberes em clássicos adaptados e como esses podem dificultar o desenvolvimento do aluno.

O artigo constitui-se estruturado em cinco partes. A primeira contempla a revisão de literatura que abordará a literatura infantojuvenil em paralelo com a linguística aplicada. A segunda remete à metodologia da pesquisa. A terceira parte apresentará uma análise da adaptação do clássico *Dom Casmurro* da editora Todolivro em comparação com o livro *Machado e Juca* de Luiz Antônio Aguiar e a última parte consiste nas contribuições e reflexões sobre a possibilidade de descomplexificar a literatura nas adaptações de clássicos, podendo

evidenciar empecilhos no desenvolvimento leitor dos alunos, uma vez que as ilustrações e histórias reduzidas podem limitar os conhecimentos que estes necessitam para o processo de amadurecimento literário em seu ensino/aprendizado.

## Revisão de literatura

Sabe-se que a leitura é um fator essencial para a autonomia e criticidade para reflexões da prática social, podendo conscientizar e trazer reflexões para seus leitores. Assim, verifica-se que a literatura infantojuvenil em correlação com a educação escolar pode propiciar uma leitura de conhecimento de mundo mais profunda, despertando crianças e jovens para seu contexto de uma forma prazerosa, lúdica, emocional e representativo. Para isto, existe a necessidade, tanto no núcleo familiar quanto no escolar, de apresentar diversos gêneros literários, a fim de que o indivíduo possa compreender, refletir, problematizar sobre os textos e relacioná-lo com seu contexto. Além de explorar as emoções, fazendo com que este consiga identificar e aprender sobre seus medos, angústias, lutas e o mundo que o cerca. Assim sendo, ao definir a literatura infantil, Cademartori pontua que

A literatura infantil é um gênero literário definido pelo público a que se destina. Certos textos são considerados pelos adultos como sendo próprios à leitura pela criança e é, a partir desse juízo, que recebem a definição de gênero e passam a ocupar determinado lugar entre os demais livros [...]. Um livro de literatura infantil, portanto, constitui uma forma de comunicação que prevê a faixa etária do possível leitor, atende aos seus interesses e respeita as suas possibilidades. A estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se às experiências da criança. Os temas são apresentados de modo a corresponder às expectativas dos pequenos e, ao mesmo tempo, superá-las, mostrando algo novo (Cademartori, 2010, p. 12).

Em consonância com a definição apresentada no glossário, Cagneti (1996) complementa relatando que a Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização.

Ao ampliar a nomenclatura para literatura infantojuvenil, Ramos aponta que é uma literatura como qualquer outra

[...] é arte sim. Arte da palavra. Da linguagem. Do trabalho com a linguagem. Creio que a literatura infanto-juvenil tem apenas uma especificidade, que é o seu leitor: a criança ou o jovem. Mas como é literatura, dentro de todos os parâmetros da literatura, pode ser lida por qualquer idade. A diferença é que ela pode começar a ser lida na infância. Quando a LIJ tem qualidade estética, qualquer pessoa pode ler e se encantar (Ramos, 2005, p. 148).

Em conformidade com esse pensamento Cunha (1991), argumenta que a literatura infantojuvenil já está estabelecida e independentemente de seu adjetivo restritivo, pode ser lida por qualquer pessoa, de qualquer idade.

Portanto, refletindo sobre este público, que abrange as relações intrapessoais e interpessoais, entende-se que esta ligação pode auxiliar os professores a compreenderem melhor o aluno. Assim, seja na leitura ou na escrita, é imprescindível que a escola promova o encontro do aluno com a pluralidade que vivencia, conectando os saberes literários e de mundo, não restringindo temáticas ou apresentando textos sem profundidade e sem reflexão sobre a realidade do aluno.

Destarte, verifica-se que o livro infantojuvenil vem ganhando um espaço mais central no contexto educacional e de escolarização no Brasil, isso se deve por conta da sua importância no processo de leitura e escrita e por sua ampla construção de conhecimentos de mundo. À vista disto, percebe-se que professores da área de literatura devem repensar a finalidade predominantemente conteudista e retratar um processo criativo, prazeroso, lúdico, veiculado ao contexto dos alunos. Kaufman e Rodríguez ao retratar sobre esse assunto, destacam que

[...] os professores devem propiciar um encontro adequado entre as crianças e os textos. Se alguns alunos chegassem a ser escritores graças à intervenção escolar, a missão do professor estaria cumprida com lucro. Caso isso não ocorra, é dever indubitável da escola que todos que ingressem de suas aulas sejam “pessoas que escrevem”, isto é, sejam pessoas que, quando necessário, possam valer-se da escrita com adequação, tranquilidade e autonomia (Kaufman; Rodríguez, 1995, p. 3).

Isto posto, é necessário que os professores e as escolas repensem nos objetivos ao aplicar os exercícios da leitura para o desenvolvimento da escrita para que este não seja mecânico e tecnicista, como uma missão de ter alunos escritores, poetas, revisores. Todavia, a importância

estaria na compreensão e interpretação do texto e, também, que o aluno consiga sair da escola com a competência escrita e leitora.

Ademais, a prática obrigatória de leitura faz com que os alunos apresentem um desinteresse para a prática leitora, o que descaracteriza um dos elementos primordiais na leitura, que seria a liberdade de escolha para que o momento seja mais tranquilo e adequado ao aluno. Muitas vezes, os livros adaptados se tornam alvos para os docentes por compreenderem que há uma linguagem de fácil entendimento para o aluno, todavia, é necessário que este seja provocado aos mais diversificados gêneros literários e leituras complexas que não simplifiquem o sentido e significado.

As adaptações, frequentemente utilizadas nas aulas de literatura podem conter um caráter simplório se comparado com a obra autoral. Para compreendermos o sentido de adaptação, Hutcheon aponta, resumidamente, que é

Uma transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis;  
Um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação;  
Um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada  
(Hutcheon, 2011, p. 30).

Na obra citada acima, a Teoria da adaptação, há um diálogo crítico expositivo teorizando sobre as características da adaptação, abordando que, primeiramente, é uma transposição declarada de obras, isto é, a alterações de gênero, seja visual (cinema e teatro), multimodal (jogos, aplicativos), ou até mesmo em parques de diversão. Posteriormente, verifica-se o ato criativo e interpretativo da obra, refletindo sobre como será apropriada para tal gênero e, por fim, um engajamento intertextual da obra adaptada, isto é, torna-se perceptível que há uma preferência pelas obras originais em comparação com as adaptadas, uma vez que a autora aponta que a transposição de obras é um dos primeiros itens a ser levado em conta na teoria da adaptação.

Assim, ao refletir nessas adaptações literárias e as práticas de leituras em sala de aula, acredita-se que o letramento crítico poderá auxiliar os alunos atentar-se ao seu contexto, conseqüentemente, aproximando a leitura de sua realidade e, assim, chamando a atenção do aluno para uma leitura mais profunda.

De acordo com McLaughlin e DeVogd (2004), o letramento crítico vê os leitores como participantes ativos no processo de leitura e os convida a ir além da recepção passiva da mensagem do texto para questionar, examinar e disputar as relações de poder que existem entre leitores e autores. Assim, o letramento crítico coloca o leitor como participante ativo do processo, fazendo-o questionar e problematizar as relações existentes. Por conseguinte, o letramento crítico também pode propiciar um leitor engajado, reflexivo e crítico com o mundo que o cerca. Alencar aponta que

[...] uma filosofia educacional que não trabalha apenas para ensinar a língua e suas estruturas, mas para contribuir para a formação de indivíduos engajados e mais sensibilizados ao mundo que os cerca, levando-os a refletir e, indo além, talvez agir em prol de mudanças, especialmente em seu contexto social (Alencar, 2017, p. 53).

Logo, o letramento crítico em conformidade com a literatura poderá auxiliar na formação integral dos alunos, promovendo o questionamento de perspectivas hegemônicas e a reflexão sobre questões sociais urgentes e relevantes para o cenário em que o livro está inserido e dialogar com a realidade dos alunos, para que eles consigam trazer suas experiências sócio-histórico-culturais para a escola, para que os professores escutem e valorizem suas falas e reflitam sobre mudanças sociais a partir desses diálogos.

Segundo Silva (2022), o incentivo da participação ativa dos leitores no processo literário e, ao mesmo tempo simultânea a leitura, diálogos e reflexões com os outros alunos permite uma troca de conhecimentos e modos de ver o mundo. Logo, percebemos que, além da prática literária, tem-se sujeitos ativos que refletem sobre sua realidade, não contemplando somente o processo de leitura, mas também o letramento crítico que estimula os alunos a refletirem sobre a narrativa e sobre seus pontos de vista, diante dos temas nelas abordados e associados ao contexto social em que se inserem.

Ao pensar nesse contexto complexo e plural apresentado em sala de aula, verifica-se que emerge um novo paradigma em nossa sociedade e, conseqüentemente, no espaço escolar. Moraes (1997) aponta para as transformações ocasionadas que movimentam para um novo olhar: o paradigma educacional emergente. Assim, a autora relata que

[...] da ordem, temos a desordem crescente, a criatividade e o acidente. Do caos, surgem a esperança, a criatividade, o diálogo e a auto-organização construtiva. No lugar da estabilidade e do determinismo, temos a instabilidade, as flutuações e as bifurcações. Há sempre a possibilidade de uma mudança de perspectiva como característica do mundo fenomênico. Estamos imersos num universo menos previsível, mais complexo, dinâmico, criativo e pluralista, numa dança permanente (Moraes, 1997, p. 136).

Em confluência com esse tempo em transformação da emergência do paradigma educacional emergente, Jordão (2014) aponta a necessidade de formar os alunos para que vivenciem a incerteza, a complexidade e o caos.

[...] o espaço escolar precisa preparar as pessoas a viverem na instabilidade dos significados, na incerteza das verdades, na complexidade do mundo e na riqueza dos inúmeros e simultâneos procedimentos de construção de sentidos. Esse caos produtivo instaurado pela visão de que o mundo é plural, múltiplo e móvel só leva à inação aqueles que desejam um mundo único e estático; reconhecer o movimento dos sentidos e o hibridismo dos sujeitos é valorizar a agência humana diante do mundo, uma vez que se somos plurais podemos ser várias coisas, e se essas coisas se transformam, podemos nós também transformá-las (Jordão, 2014, p. 201).

Portanto, concordando com o apontamento acima, verifica-se que este paradigma educacional que emerge contribui para a formação e a criticidade do sujeito que vivencia um mundo pluralista, dinâmico e criativo, compreendendo a experiência da instabilidade, da incerteza e da complexidade do mundo e refletindo conscientemente sobre um mundo múltiplo, complexo e criativo. Sendo assim, o paradigma educacional emergente em paralelo com o letramento crítico contribui para repensar nas adaptações reducionistas que podem ser apresentadas nas aulas de literatura, por acreditarem que a linguagem para o aluno em sala de aula tem que ser mais seja complexa e o vocabulário mais diversos. Além disso, esse diálogo auxilia nas transformações e na reflexão consciente dos sujeitos, ao relacionar-se com o outro e com ambiente em que se insere.

## Metodologia

Esta pesquisa está inserida no contexto da Linguística Aplicada concomitantemente com a Literatura Infantil e Juvenil, e parte de uma abordagem qualitativa, visto que é possível compreender e interpretar os fatos e dados que emergem no decorrer da pesquisa. Ao caracterizar aspectos da pesquisa qualitativa, Tuzzo e Braga (2016) apontam que:

[...] o destaque não está na busca da quantidade, não se baseando em números e estatística, mas enfatizando a qualidade e a profundidade de dados e descobertas a partir dos fenômenos. [...] A pesquisa qualitativa e analítica, explicativa, ou seja, ela é regida pelos dados que gerarão conclusões e reflexões, baseados na complexidade da sociedade onde a pesquisa foi gerada (Tuzzo; Braga, 2016, p. 144-145).

Em conformidade com Tuzzo e Braga (2016), Bortoni-Ricardo (2008) relata que não tem como o pesquisador observador neutralizar totalmente suas individualidades e sua relação social, visto que a subjetividade, o processo de pesquisa e o contexto social são questões fundamentais para a realização da abordagem.

Não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 32).

Destarte, essa abordagem de pesquisa se volta para a análise e interpretação dos resultados doravante apresentados nas seções abaixo que consiste na construção de sentidos a partir da nossa interpretação sobre os dados gerados das observações, reflexões e questionamentos. É importante apontar que nesta abordagem, tem-se buscado a análise pelo ponto de vista dos autores, por meio de uma experiência subjetiva. Nesse contexto, optou-se por procedimentos metodológicos e instrumentos aliados à pesquisa.

Desse modo, para realização da abordagem qualitativa-interpretativista teremos como corpus duas obras ficcionais, a adaptação de *Dom casmurro* da editora Todolivro e *Machado e Juca* escrito por Luiz Aguiar. O contraste entre os livros chama a atenção, pois o primeiro deles apresenta uma mera simplificação da história original, adicionando imagens ilustrativas da

narrativa, enquanto *Machado e Juca* apresenta ilustrações autorais, feitas por Rogério Soud, com a marca do estilo próprio do autor, chamativas, apresentam ângulos de uma perspectiva distorcida e um traço primoroso. A narrativa tem um arco amplo, interconectada e em diálogo com a biografia e a obra do escritor Machado de Assis, com o claro intuito de deixar o leitor com a curiosidade aguçada.

Os livros *Dom casmurro* da editora Todolivro e *Machado e Juca* escrito por Luiz Aguiar foram escolhidos para análise por apresentarem temáticas que envolvem o autor Machado de Assis, um como o escritor do livro e o outro como um personagem da trama.

Segundo Machado (2002, p. 23) “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”, assim autores e livros clássicos possuem traços e marcas para além do seu tempo, atravessando outras culturas. Ademais, “*Machado e Juca*” e a curiosidade de ter o escritor Machado de Assis como um dos personagens da trama Juvenil.

Na adaptação do clássico brasileiro *Dom Casmurro*, percebe-se a importância da carga do nome de Machado de Assis, mesmo possuindo uma linguagem simples, o clássico é relevante para o comércio editorial e, ocorre muita venda do livro por não ter mais direitos autorais.

### **Articulações da teoria na adaptação da editora Todolivro intitulada *Dom Casmurro* em contraste com *Machado e Juca* de Luiz Aguiar**

O Livro *Dom Casmurro* da editora Todolivro está inserido na coleção dos “Grandes clássicos da literatura brasileira”. A Editora apresenta a obra como uma adaptação do clássico *Dom Casmurro* de Machado de Assis, apontando que está escrito em “uma linguagem simples e adequada ao público infantojuvenil, uma excelente ferramenta escolar e até de preparação para concursos e vestibular.” Além disso, destaca-se um suplemento pedagógico ao final de cada livro, que pretende investigar o entendimento do leitor sobre os textos.

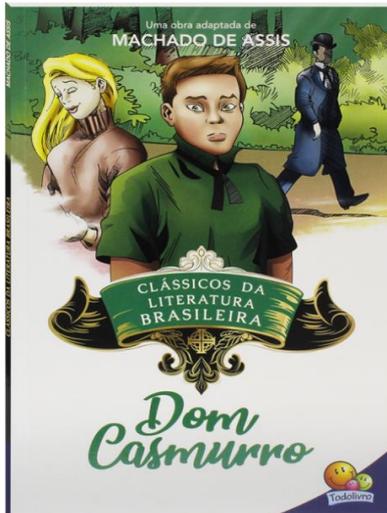
A obra *Machado e Juca* do escritor Luiz Antônio Aguiar está inserida na coleção Jabuti da editora Saraiva, indicada para o público Juvenil. O autor é um escritor brasileiro, autor de livros infantojuvenis e roteirista em quadrinhos, Aguiar é mestre em literatura brasileira pela

PUC-RJ, tendo escrito vários livros e pesquisas sobre Machado de Assis, um dos protagonistas do livro *Machado e Juca*.

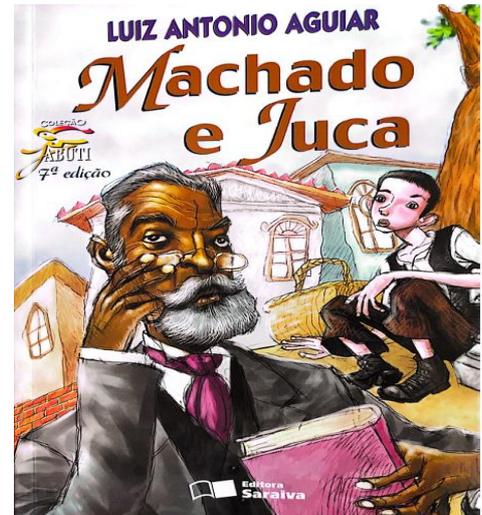
Outro ponto interessante para abordar é o ilustrador Rogério Soud. O desenhista é altamente recomendável pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil). Além disso, recebeu os prêmios Abril de Jornalismo nas categorias Destaque e Melhor Desenho. Em uma entrevista para o *BlogdoOrlando*, colunista da página Uol em 2016, Soud aponta que gosta de “explorar vários materiais na pintura – o que acaba resultando em uma técnica ou estilo, não sei bem – e gosto também de flertar com a caricatura ou “desconstruir” as formas, como prefiro dizer.” Com isso, percebe-se que a técnica ou estilo é mesclado com a exploração de diversos materiais na pintura, na desconstrução de formas e no interesse por caricaturas.

O livro narra uma história de mistérios, aventura e amizade entre um menino ficcional chamado Juca e Machado enquanto personagem histórico-ficcional. Juca é uma criança cheia de vida, com muita vontade de aprender, engraxate e carregador de compras, enquanto Machado de Assis é retratado já com seus 58 anos, quando se tornou Presidente da Academia Brasileira de Letras, um escritor admirado, homem sério, de poucas palavras e, às vezes, bastante mal-humorado.

Primeiramente, ao observar as ilustrações dos livros apresentadas abaixo, nos chamam a atenção alguns detalhes:



**Fig 1** Capa da adaptação de *Dom Casmurro* da editora Todolivre. Fonte: Assis (2015, capa).



**Fig 2** Capa do livro *Machado e Juca*, ilustrado por Rogério Soud. Fonte: Aguiar (2009, capa).

Ao refletir sobre as ilustrações da Figura 1, percebe-se que os traços e expressões não são muitas vezes definidas, levando a reflexão que o textual é mais importante que a imagem, uma vez que é um desenho meramente ilustrativo, ou seja, com uma funcionalidade didática de apenas traduzir em imagem o que se lê no texto, o que pode levar a um desinteresse do leitor juvenil sobre a história. Cabe notar que a editora não menciona a autoria das ilustrações, dando a impressão de uma escolha editorial apressada, sem critério de qualidade, mas com o intuito de oferecer um agente facilitador que servisse de encaixe dentro das expectativas editoriais do gênero infantojuvenil.

Em contrapartida, temos a capa de *Machado e Juca* que nos apresenta vários aspectos da obra, como o protagonista Juca com sua cesta de carregador de compras olhando para o escritor Machado de Assis com certa curiosidade, apresentando detalhes das expressões dos personagens. A ilustração pode colaborar para a imaginação da criança ao ver o autor como um personagem de uma história juvenil.

Nas figuras 3 e 4, temos ilustrações internas das obras, com personagens de *Dom Casmurro* e de *Machado e Juca* em uma feira.



**Fig 3** O personagem Bento conversa com alguém em uma feira. Fonte: Assis (2015, p. 27).



**Fig 4** O personagem Juca auxiliando a cartomante a carregar as compras. Fonte: Aguiar (2009, p. 21).

A partir dos desenhos apresentados na Figura 3, nota-se uma conversa acontecendo entre o personagem principal e um amigo, além deles tem-se um trabalhador estereotipado carregando frutas e as tendas com sombras das pessoas que ocupam o espaço. Apesar da editora apontar que o livro possui estímulo visual, a imagem me faz questionar as características dadas ao carregador de frutas, com seus músculos fortes por ser um trabalhador braçal, isso fica evidenciado com a falta de camisa. Já em relação ao personagem principal, não há tantos detalhes em suas feições, a única informação é a conversa aparente entre ele e o conhecido.

Por outro lado, tem-se a figura 4 apresentado as compras realizadas pela cartomante. A obra aponta que “Juca foi seguindo a cartomante, que comprou uma cacarejante galinha (uma galinha preta, houve quem reparasse), verduras e legumes, e ainda alho (duas enormes réstias), mais uma quantidade de gêneros e de mercadorias” (Aguiar, 2009, p. 20). À vista disto, observa-se que texto e imagem se relacionam e apresentam o momento da cartomante comprando a galinha preta, suas feições e o relato de Juca “uma galinha preta, houve quem reparasse”, podem induzir o leitor a pensar que essa compra está sendo feita para um dos rituais da bruxa, apelido dado à cartomante pelos meninos carregadores de compras.

Percebe-se que as imagens, juntamente com o texto, podem expressar significados maiores e/ou potencializar emoções. Diante disso, Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 267) apontam que

[...] ler um texto escrito e visualizar uma imagem requerem diferentes tipos de interpretação, que, por sua vez, exigem formas distintas de esforço transformacional e tipos diferentes de processos psicológicos, na medida em que representamos os significados para nós mesmos em nossas mentes. São formas fundamentalmente diferentes de conhecer e aprender o mundo - conhecer e aprender o mesmo mundo, mas de maneira diversas e complementares de significado.

Os estudiosos apontam que, ao ler um texto, a visualização de uma imagem requer do leitor diferentes tipos de interpretação, isto é, o texto e a imagem possuem um status de igualdade, sendo relevantes concomitantemente para a construção dos saberes do leitor, a imagem não é considerada apenas um enfeite, mas agrega sentido ao texto.

Diante disso, as imagens apresentadas em *Machado e Juca*, ao se relacionarem com o texto, nos apresentam um significado maior, com mais interpretações e emoções. Portanto, é necessário refletir, compreender e buscar textos imagéticos que dialoguem e fortaleçam a integração do texto-imagem como complementos. Outro ponto importante a ser mencionado é em relação ao desafio de leitura das obras. No romance original *Dom Casmurro*, o personagem Bentinho é o narrador da história, provocando os leitores a acreditar, ou não, em sua versão dos fatos.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo [...]. Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência. filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias (Assis, 1994, p. 7-8).

Assim, o personagem Bentinho propõe juntar as duas pontas de sua vida, e fazer o leitor da credibilidade na sua história. Esse aspecto da narração de Bentinho é um dos pontos importantes da trama, visto que traz um narrador completamente parcial, querendo apresentar e induzir o leitor em suas verdades inquestionáveis.

Pelo enfoque da adaptação, o narrador onisciente é um observador da trama, com acesso à subjetividade do personagem para além dele mesmo, algo que o leitor de Machado não deve ter acesso, pois o foco está na subjetividade de Bentinho. Este aspecto altera totalmente a

perspectiva da obra original, pois na adaptação da editora, ao longo de todo o livro, a narração é apresentada assim:

Entre as recordações de Bentinho, a conversa ouvida por detrás da porta lhe perduraria pela vida inteira. A denúncia ainda não havia acabado, quando o moleque fugiu assustado do esconderijo. Sua intimidade já não era mais segredo e pouco lhe interessava se a mão chorasse, talvez por decepção em ver que seria difícil seu único filho se tornar padre. Verdade é que a promessa era segredo dó dela, feita quando o menino nasceu. Porém, estava a desfazer-se, até com a inconsciente anuência dela (Assis, 2015, p. 3).

Observa-se que esta troca na narração, altera os fatos e significados em comparação ao romance *Dom Casmurro*. No original temos um narrador parcial, o Bentinho, contando sua história para convencer o leitor da traição de Capitu, enquanto na obra adaptada o narrador em terceira pessoa está observando uma história que foi contada por Bentinho, dando a esta maior credibilidade e poder de convencimento com o público do que previsto originalmente. Com isso, a história adaptada perde um dos pontos cruciais da escrita de Machado de Assis.

Ademais, as ilustrações induzem o leitor a acreditar na versão de Bentinho de que seu filho é, na realidade, filho de Escobar, optando pela versão da traição de Capitu, eliminando a ambiguidade do original, isso pode ser verificado nas ilustrações de Escobar que está sempre com a expressão sorridente, jocoso frente a Bentinho. Enquanto, as feições de Bentinho ao longo da adaptação são sempre tristes, e ele está sempre cabisbaixo, o que também induz o leitor a colocar Capitu como principal responsável pela sua infelicidade.

Outrossim, observa-se que o livro adaptado conta com um suplemento de interpretação, um breve caderno de atividades com fim pedagógico que visa testar o entendimento do leitor sobre os textos, apontando que esta seria uma excelente ferramenta para concursos e vestibulares. Como já mencionado anteriormente, esse caráter meramente pedagógico de leitura pode tornar para o aluno um processo desinteressante, uma vez que se perde outros aspectos essenciais que potencializam o desenvolvimento da leitura, tais quais: as escolhas por interesse, a criatividade e as emoções ao se identificar na história.

Já na obra *Machado e Juca*, a escolha autoral foi por um narrador onisciente, que conta as peripécias do menino Juca. Além disso, ressalta-se que quando o literatura infantojuvenil opta pela protagonista criança, pode contribuir para a identificação dos leitores com a história

e com os sentimentos que o personagem apresenta no decorrer da narrativa, com seus significados e sentidos desenvolvidos.

Fica evidente, dessa forma, que a adaptação literária simplifica a obra original, seja em imagens descontextualizadas ou em estruturas, sentenças verbais da história original simplificadas reduzidas, numa tentativa de limitar o entendimento do leitor. É preciso, portanto, dar condições para que os alunos potencializem o processo de leitura com o mediador orientando por meio de diálogos, sem nenhuma hierarquização ou imposição, mas que seja realizado de acordo com os interesses dos discentes, indo além de compreensões teóricas e fortalecendo ações e/ou projetos que pensem esse ser como o centro do ensino-aprendizagem.

Dessa forma, acredita-se que o letramento crítico no viés do paradigma educacional emergente auxiliaria o professor na escolha das adaptações ou de obras originais e nas atividades propostas em sala de aula. Primeiramente, essa teoria, em conjunto com o letramento crítico, poderia provocar o professor, a criticar o reducionismo de livros adaptados. Outrossim, a proposição de atividades contextualizadas as vivências do aluno, o ser essencial no processo de aprendizagem.

### **Considerações finais**

Diante das observações e reflexões da análise, ao contrastar as obras selecionadas observa-se que é necessário ter um olhar crítico para livros que simplificam a história adaptada, explorando como a simplificação excessiva de temas, personagens e enredos pode impactar a experiência da compreensão leitora de crianças e jovens.

Ademais, o reducionismo pode dificultar na evolução literária e linguística dos leitores. Assim, percebe-se que essa relação entre a literatura infantil e juvenil, o letramento crítico no viés do paradigma educacional emergente pode contribuir para a reflexão sobre a simplificação literária e auxilia na criticidade dos leitores infantil e juvenil na escolha das obras disponíveis no mercado, e nas discussões e percepções que poderão apresentar da obra.

Ao comparar os dois livros, observa-se também que as ilustrações, que muitas vezes chamam a atenção do leitor para leitura da obra, na adaptação *Dom Casmurro* da editora Todolivre se mostram inexpressivas e desinteressantes, não apresentando tantos detalhes e

padronizando os personagens com estereótipos convencionais e traços exacerbados. O outro livro, *Machado e Juca*, apresenta ilustrações detalhadas de traços e expressões, articuladas com o texto, e contribui para ampliar na construção de saberes e na compreensão de leitura dos alunos e mostrando outras possibilidades de interpretação dos significados culturais, linguísticos, políticos e sociais.

Outro ponto a mencionar seria a estrutura narrativa que, ao ser modificada, altera totalmente o sentido que o autor deu a trama, confirmando que o reducionismo da adaptação limita todo um sentido da obra original. Ao repensar nas narrativas do livro *Machado e Juca* percebe-se que a uma linearidade dos acontecimentos que envolvem o personagem principal, Juca, aproximando sua realidade, sentimentos e ações com a do público infantil e juvenil.

Logo, discutir sobre o letramento crítico em consonância com o reducionismo no viés do paradigma educacional emergente possibilita pensar nos interesses do aluno, do ser como papel central do processo educativo e, levando-o em conta, potencializar seu desenvolvimento e aprendizagem.

## Referências

AGUIAR, L. A. *Machado e Juca*. Ilustrações: R. Soud. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

ALENCAR, E. B. A. *Formação de professores de Língua Inglesa da rede pública do Tocantins: cenas de letramento crítico*. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2017.

ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. Adaptado da obra de Machado de Assis. Santa Catarina: Todolivre, 2015.

ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil?* São Paulo: Brasiliense, 2010.

CAGNETI, S. S. *Livro que te quero livre*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

CUNHA, M. A. A. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. São Paulo: Ática, 1991.

HUTCHEON, L. *Uma Teoria da Adaptação*. Tradução: André Cechinel. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

JORDÃO, C. M. Birds of different feathers: algumas diferenças entre letramento crítico, Pedagogia crítica e abordagem comunicativa. In: TAKAKI, N.; MACIEL, R. F. (org.). *Letramentos em Terra de Paulo Freire*. Campinas: Pontes, 2014.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. *Letramentos*. Tradução: Petrilson Pinheiro. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KAUFMAN, A. M.; RODRÍGUEZ, M. E. *Escola, leitura e produção de textos*. Tradução: Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: uma nova/outra história*. Curitiba: PUCPress, 2017.

MACHADO, A. M. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MCLAUGHLIN, M.; DEVOOGD, G. L. *Critical literacy: enhancing students' comprehension of text*. New York: Scholastic, 2004.

MORAES, M. C. *O paradigma educacional emergente*. 16. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

RAMOS, A. C. O jogo do faz-de-conta. In: OLIVEIRA, I. de. *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a palavra, o escritor*. São Paulo: DCL, 2005. p. 147-166.

SILVA, M. F. Do letramento literário ao crítico: um só vive com o outro. *Revista Ponte*, [s. l.], v. 2, n. 8, 2022. Disponível em: <https://www.revistaponte.org/post/letr-lit-cr%C3%ADt-um-s%C3%B3-viv-com-out>. Acesso em: 5 maio 2024.

TUZZO, S. A.; BRAGA, C. F. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 4, n. 5, p. 140-158, 2016.

### **Critical literacy in children's literature in the light of the emerging educational paradigm: reductionism in the adaptation of *Dom Casmurro* by Todolivro in contrast to the work *Machado e Juca* by Luiz Aguiar**

**Abstract:** This article proposes a critical analysis of how reductionism can be present in some children's and youth literature books. In this way, the adaptation of *Dom Casmurro* by the publisher Todolivro e *Machado e Juca* by Luiz Aguiar is analyzed, with the purpose of contrasting the works based on their criticality and, also, observing whether there is reductionism in the adaptation, exploring how excessive

simplification of themes, characters and plots can impact the reading comprehension experience of children and young people. To this end, we will resort to authors of children's and youth literature in line with the theory of adaptation in the light of the emerging educational paradigm (Hutcheon, 2011; Lajolo; Zilberman, 2017; Moraes, 1997; Ramos, 2005) and authors of critical literacy (Alencar, 2017; Silva, 2022). To achieve this, this research uses a qualitative approach, as it is possible to understand and interpret the facts and data that emerge during the research. The results showed that the debate on critical literacy in children's and youth literature in the light of the emerging educational paradigm is interesting and contributes to the reflection of literary reductionism in adapted works. Thus, there is a need to transgress the limitations of reductionism in adapted works.

**Keywords:** Children's and Young Adult Literature; Emerging Educational Paradigm; Critical Literacy.

**Recebido em:** 3 de junho de 2024.

**Aceito em:** 29 de julho de 2024.